Prefácio

José Israel Vargas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VARGAS, J. I. Prefácio. In: MAIO, M. C. org. *Ciência, política e relações internacionais: ensaios sobre Paulo Carneiro* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Unesco, 2004, pp. 10-14. ISBN: 978-85-7541-509-2. Available from: doi: [10.7476/9788575415092.0001](https://doi.org/10.7476/9788575415092.0001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/fczgd/epub/maio-9788575415092.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

prefácio

C reio que a vocação universalista que Paulo Carneiro tão bem imprimiu à Unesco tem origem na sua devoção, desde jovem, ao positivismo de Auguste Comte, na possibilidade da paz, na utilização da ciência como instrumento universal para estimular o desenvolvimento e a tolerância entre os homens. Sua formação de cientista, suas pesquisas com o curare no Instituto Pasteur, seu talento de orador, enfim, todas as qualidades que o levaram a ser membro das Academias Brasileiras de Ciências e de Letras, além da Academia de Ciências Morais da França, Paulo dedicou-as à Unesco.

Nos 28 anos em que esteve no Conselho Executivo, conviveu com personalidades ilustres como Julian Huxley, Torres Baudet, Indira Gandhi, Monsenhor Roncalli (futuro papa João XXIII), com quem redigiu a primeira resolução sobre tolerância. Foi ele quem propôs a adoção de data comemorativa do nascimento de Buda. Enfim, envolveu-se praticamente em todas as atividades de relevo daquela organização, nos campos científico, cultural e educacional.

Paulo foi instrumental – através de sua colaboração com Julian Huxley – na introdução do “s” na sigla da Unesco, representando a ciência, não só para evidenciar o papel terrivelmente negativo que a deformação do uso da ciência nas mãos dos nazistas havia causado, mas também por ser reconhecidamente faceta indispensável do desenvolvimento de um mundo novo que todos acreditávamos belo, bom e sábio.

Inspirado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, das Nações Unidas, a criação do Comitê de Convenções e Recomendações (CRE) veio dar mais substância a esse ideal humanista embutido na origem da Unesco. Paulo Carneiro foi bastante ativo na criação deste organismo

que, embora desconhecido da opinião pública pelo caráter secreto de suas deliberações, tornou-se, especialmente durante a Guerra Fria, um baluarte na defesa da liberdade de cientistas e intelectuais.

Também podemos constatar essa visão resgatadora da história humana na participação de Paulo na campanha em prol da salvação dos monumentos da Núbia, ameaçados pela construção da represa de Assuan. Essa campanha, cujo momento mais expressivo foi o salvamento do Templo de Abu Simbel, teve o mérito adicional de estimular, no âmbito da própria Unesco, toda uma série de iniciativas voltadas à proteção do patrimônio histórico cultural, dos quais se destaca a consagrada Convenção de 1972 do Patrimônio Mundial.

Na área do meio ambiente, o papel de Paulo refere-se à criação do programa O Homem e a Biosfera, no final da década de 1960. A elaboração do conceito de desenvolvimento sustentável, discutido pela primeira vez nas reuniões da criação daquele programa, precedeu a Primeira Conferência sobre Meio Ambiente da ONU, realizada em Estocolmo em 1972.

Paulo foi também presidente do comitê de redação do projeto monumental intitulado História do Desenvolvimento Cultural e Científico da Humanidade, obra composta por nove volumes e para cuja realização contribuíram diversos especialistas, – uma história sem heróis, sobre o suor e as lágrimas dos homens que construíram o mundo em que vivemos.

Nos assuntos ligados ao Brasil, destaca-se a iniciativa de criação do Instituto da Hiléia Amazônica, que tinha por objetivo mobilizar o que havia de melhor em capacitação científica para estudar aquela região. A incompreensão do que era a Unesco fez com que resistências nacionalistas se organizassem contra o projeto, julgado erroneamente como ameaça à soberania nacional. O fracasso não invalida sua evidente pertinência e atualidade.

Um outro fato, menos conhecido, foi a participação de Paulo na articulação que trouxe ao Brasil uma missão de trabalho de cientistas de alto nível quando da criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) pelo grande físico brasileiro César Lattes. Assim, por iniciativa de Paulo, a Unesco enviou ao Brasil Giuseppe Ochialini, Ugo Camerini – ambos de origem italiana –, Gert Molière – alemão ligado ao grupo de Heisenberg – e Gerhard Hepp – holandês, engenheiro da Philips.

Giuseppe Ochialini havia também se destacado como um dos principais atores do estabelecimento da física brasileira, na USP. Antifascista

convicto, chegou a alistar-se no exército inglês durante a Segunda Guerra, mas a sabedoria britânica, em vez de dar-lhe um fuzil, optou por aproveitar sua capacidade nas pesquisas sobre o radar. O grupo iniciou a construção de um acelerador de partículas em Niterói (RJ), projeto coordenado por Lattes com a colaboração de outro cientista de renome internacional, o norte-americano Edwin Mattison McMillan.

Permitam-me algumas recordações de caráter mais pessoal sobre o nosso homenageado. Conheci-o inicialmente, ainda estudante em Cambridge, de passagem por Paris, quando o procurei da mesma maneira que faziam todos os estudantes e, talvez, todos os brasileiros que por ali passavam, atraídos, sem dúvida, pelo renome e a generosidade de Paulo. Ele me levou para almoçar no mesmo dia, no caro restaurante D'Chez Eux, famoso pela sua cozinha do sudoeste. E também mais tarde, a partir de 1961, quando passei alguns meses na Unesco na qualidade de membro da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Participava da avaliação que fazia a Agência Internacional de Energia Atômica do estado relativo de avanço das ciências nucleares nos diversos países da América Latina, tendo em vista a composição da sua Junta de Governadores – evento um tanto ridículo, visto de hoje.

O representante argentino no exercício, diga-se de passagem, havia sido meu colega em Cambridge, assim como um cientista indiano que estava no grupo de avaliação, presidida pelo físico dinamarquês Anders. A razão de todo esse esforço era uma exigência dos Estados Unidos, segundo a qual o assento que o Brasil ocupava na comissão deveria obedecer a um rodízio regional, candidatando-se, portanto, a Argentina. Em tal ambiente, a tendência natural seria o empate, tendo porém o Brasil vencido o pleito por um voto, do Iraque, no âmbito da Junta dos Governadores. O então chanceler Santiago Dantas, intelectual brilhante e diplomata ponderado, optou por ceder o posto ao nosso vizinho do sul. Creio que foi uma decisão precursora das boas relações que temos nesse campo com a Argentina, além de traduzir uma convivência fraternal entre cientistas dos dois países, sobretudo entre os que estudaram no Reino Unido.

Fraternidade, recorde-se, estimulada ainda mais pela presença de Paulo Carneiro, demonstrada nesse e em muitos outros episódios de que participou. Seu percurso deixou uma rara combinação de inteligência e tolerância, que iluminou aqueles que o conheceram e seguirá como exemplo para as gerações futuras.

Saúdo a iniciativa do pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz, Marcos Chor Maio, de organizar este livro sobre as contribuições de Paulo Carneiro ao Brasil e à comunidade internacional, em que podemos vislumbrar diversos traços dessa impressionante personalidade, em particular, sua ação na Unesco.

José Israel Vargas

Embaixador do Brasil na Unesco (2000 - 2003)